

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS NUMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL: A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA EM ESTUDANTES COM TEA.

Ana Cristina Coelho Furtado¹
Italo Antônio Amaral de Brito²
Waléria Augusta Araújo Costa³
Miriam Matos Amaral⁴

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de desenvolvimento da autonomia de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos finais do Ensino Fundamental, sob a perspectiva da educação inclusiva. O objetivo deste estudo é analisar as intervenções pedagógicas essenciais para promover a participação ativa e a independência desses sujeitos no contexto escolar da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFGPA). A metodologia utilizada, configura-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na observação participante e na vivência de Profissionais de Apoio Escolar (PAE) dessa escola pública federal. A fundamentação teórica ancora-se em análises documentais e bibliográficas utilizando conceitos de Vigotski (2001). Os resultados indicam que a autonomia não é uma condição estática, mas uma construção mediada por intervenções sistemáticas e graduais, como a organização de materiais, a compreensão de comandos e a permanência em sala com participação ativa no sentido de apresentar poucos comportamentos de fuga. Identificou-se que a invisibilidade do estudante nas práticas docentes de sala de aula e a falta de experiências pedagógicas estruturadas são obstáculos significativos no processo de inclusão escolar. Conclui-se que práticas inclusivas planejadas e colaborativas, aliadas à mudança de postura docente que foque nas potencialidades e não apenas no diagnóstico, são determinantes para a autonomia do estudante com TEA, garantindo-lhe o direito pleno de pertencer e atuar socialmente no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Autonomia; Transtorno do Espectro Autista; Intervenção Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva, tem como um de seus objetivos a inclusão plena do estudante e encontra-se na legislação que a promoção da autonomia e a participação do indivíduo em todos os âmbitos da vida escolar é seu direito pleno (Brasil, 2008). Nos anos finais do Ensino Fundamental, no âmbito da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFGPA), para um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podemos compreender que a autonomia não é apenas uma escolha para a individualidade e independência do indivíduo, mas o elemento significativo de sua construção social e educacional, é o desenvolvimento de uma habilidade que lhe permite se compreender como indivíduo e contribui na sua formação como sujeito ativo na sociedade.

¹Graduada em Pedagogia, atua como Profissional de Apoio Escolar na EAUFGPA. anafurtado077@gmail.com

²Pós-Graduado em ABA – Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo, Graduado em Pedagogia, atua como Profissional de Apoio Escolar na EAUFGPA. brito.italo09@gmail.com

³Pós-Graduada em Psicopedagogia, Graduada em Pedagogia, atua como Profissional de Apoio Escolar na EAUFGPA. waleria.augusta.32@hotmail.com

⁴Doutora em Educação, Professora de Educação Especial na EAUFGPA. mmamaral@ufpa.br

O desenvolvimento da autonomia no âmbito escolar constitui um dos principais desafios no processo de escolarização de estudantes com TEA. A promoção de condições para que o estudante faça por si mesmo, exige que a escola se organize para dar suportes que potencializem a ação do sujeito (Mantoan, 2015), mediante a isso, as práticas pedagógicas utilizadas dentro do âmbito escolar devem ser pensadas e planejadas para a promoção do sujeito como indivíduo ativo em seu aprendizado.

A autonomia é uma habilidade que facilitaria a participação ativa do estudante no âmbito escolar, sendo ela um processo de amadurecimento, que deve ser estimulado, pois ninguém se torna autônomo sem que lhe seja desenvolvido.

O estudo foi desenvolvido a partir da vivência de Profissionais de Apoio Escolar (PAE) que acompanham estudantes com deficiência em uma escola pública federal, matriculados em séries distintas dos anos finais do Ensino Fundamental, mas que perpassam pelos mesmos questionamentos: Quais as dificuldades da falta de autonomia desses estudantes na escola? Quais desafios são encontrados no estudante com TEA, que revela fragilidades em seu processo de autonomia no ambiente escolar? Que intervenções pedagógicas são essenciais ao estudante com TEA na formação de sua autonomia no ambiente escolar?

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o processo de desenvolvimento da autonomia de estudantes com TEA, a partir da observação e participação ativa em meio as possíveis intervenções pedagógicas mediadas e sistematizadas no contexto escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa, fundamentado na observação participante e nas práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do acompanhamento dos estudantes acompanhados pelos PAE. Para assegurar a validade e o rigor metodológico (Marconi; Lakatos, 2010) o estudo articula as vivências e práticas junto a análises em fontes bibliográficas e documentais, propondo compreender as dificuldades no desenvolvimento da autonomia, quais os desafios e as práticas pedagógicas necessárias para esse desenvolvimento.

Inicialmente, realizou-se um período de observação sistemática do comportamento, das interações e das respostas dos estudantes às demandas escolares, principalmente em sala regular, o processo foi conduzido de forma contínua, respeitando os limites, o ritmo e as particularidades do estudante.

A partir dessas observações, foram elaboradas estratégias de intervenções graduais e objetivas, com foco no desenvolvimento de habilidades funcionais básicas, e sociais tais como: organização de materiais escolares, compreensão e execução de comandos simples, permanência em seu assento na sala de aula, e permanência em outros locais do espaço escolar, ampliação do tempo de atenção e redução de comportamentos estereotipados que prejudicam a aprendizagem e aquisição de conhecimento do currículo escolar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / DISCUSSÕES

A trajetória dos estudantes com TEA dos anos finais do Ensino Fundamental é uma etapa marcada por maiores demandas cognitivas, sociais e organizacionais, contudo a falta da autonomia, compromete o desenvolvimento pleno do estudante com deficiência, o impossibilitando de ser o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem e na sua convivência social em âmbito escolar. Portanto a promoção da autonomia é de fundamental necessidade para o desenvolvimento do indivíduo e para seu processo de ensino-aprendizagem.

O professor deve ajudar o estudante a se tornar independente. Isso significa que o mesmo deve atuar naquilo que o estudante ainda não consegue fazer sozinho, mas é capaz de realizar com ajuda. Dessa forma, a aprendizagem se torna um processo social e compartilhado. Segundo Vigotski (2001) a educação é compreendida como um processo de formação humana e de socialização que conduz à gênese da personalidade consciente, encarando a prática educativa como um caminho para a liberdade do sujeito.

Conforme os estudos de (Teixeira, 2020) e as teorias de (Vigotski, 2001), o papel do professor é organizar o meio social educativo, quando o professor atua na zona daquilo que o sujeito faz com auxílio, ele está, na verdade, organizando práticas sociais que permitem ao estudante ter liberdade de pensar, compreender e agir no mundo de forma ativa, crítica e criativa. Assim, a educação deixa de ser uma imposição autoritária para se tornar um caminho libertador, onde a autonomia do estudante é conquistada dentro da coletividade.

Nessa perspectiva, quando começaram a acompanhar os estudantes, notaram que eles apresentavam muitas dificuldades. Tinham problemas para prestar atenção, compreender comandos simples, organizar os materiais escolares, permanecer sentados em seus lugares na sala de aula e interagir com os professores e colegas. Além disso, muitas vezes eram “invisíveis” para os professores nas práticas da sala regular. Todos esses aspectos dificultavam a participação ativa dos estudantes e a sensação de pertencimento ao espaço escolar.

Inicialmente, observou-se que os estudantes possuíam habilidades funcionais bastante limitadas e, quando presentes, manifestaram-se de forma mecanizada e pouco funcional. A ausência de compreensão de comandos básicos, como abrir a mochila ou identificar e utilizar o estojo, evidenciava não apenas dificuldades cognitivas, mas também a falta de experiências pedagógicas sistematizadas voltadas à promoção de sua autonomia.

Outro aspecto relevante identificado foram as práticas docentes em sala, que ao não reconhecer o estudante como sujeito ativo do processo educativo, acabava por reforçar sua exclusão simbólica, porém entendemos que a inclusão demanda que a escola reconheça as diferenças não como déficits, mas como características humanas, exigindo uma mudança na postura docente que deixe de focar na deficiência para focar nas potencialidades do sujeito (Mantoan, 2003).

Tal cenário contribuiu para a necessidade de um trabalho pedagógico gradativo dentro de sala regular, uma mediação baseada na observação contínua, no diálogo entre PAE, estudante e docentes, na explicação dos comportamentos esperados e na mediação constante, visando não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a formação do estudante enquanto sujeito autônomo e participante.

O desenvolvimento das habilidades funcionais é muito importante para que os estudantes com deficiência possam avançar em sua autonomia. Para trazer esse avanço e direitos é fundamental oferecer direcionamentos precisos e estímulos com diálogos simples, além de prática recorrente de estímulos de autonomia e independência da vida escolar diária. Isso pode ser feito dentro e fora da sala de aula. Podemos contribuir no desenvolvimento de sua autonomia ajudando-os em tarefas diárias como, por exemplo, a aprender a ir ao banheiro sozinhos, a lavar as mãos, a sentar no refeitório, a retirar o lanche para comer e a guardá-lo após a refeição, mantendo a constância e com o mínimo de direcionamento necessário a medida que isso for se tornando parte do sujeito alvo do aprendizado.

Esses resultados mostram como as intervenções pedagógicas recorrentes são importantes nas interações sociais. Elas atuam na Zona de Desenvolvimento Proximal, conforme descrito por Vigotski (2001), para consolidar funções que o estudante ainda não consegue realizar sozinho. Essa abordagem conceitual é essencial para o desenvolvimento das habilidades funcionais dos estudantes com deficiência.

A autonomia não surge espontaneamente, ela é construída quando o professor fornece as ferramentas (como linguagem e os conceitos científicos) que permitem ao estudante

organizar seu próprio pensamento. O ensino escolar deve levar o estudante a tomar consciência de suas próprias operações mentais. Ao aprender a “tomar conhecimento do que faz”, o estudante deixa de agir de forma puramente automática ou inconsciente para operar de modo voluntário e intencional (Teixeira, 2020).

Embora o estudante ainda apresente dependência parcial de comandos para iniciar tarefas e dificuldades em situações com excesso de estímulos, os avanços demonstram que a autonomia pode ser construída por meio de intervenções consistentes e contextualizadas.

Evidencia-se que, por meio de intervenções pedagógicas planejadas, colaborativas, persistentes e sensíveis às necessidades do estudante, é possível promover avanços concretos na construção da autonomia de estudantes com TEA, reforçando a importância de uma prática educativa inclusiva que reconheça o potencial de desenvolvimento e de participação desses sujeitos no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada reafirma que a autonomia de estudantes com TEA não é uma condição previamente estabelecida, mas um processo em construção, que demanda mediação intencional, persistência pedagógica e reconhecimento das potencialidades do sujeito.

Ao longo do acompanhamento, foram implementadas estratégias simples e progressivas, como a redução de estímulos geradores de ansiedade, o ensino sistemático de rotinas, a organização dos materiais escolares, o aumento gradual do tempo de permanência em atividades e o incentivo à iniciativa própria, estratégias essas que permanecem de forma direcionada sendo utilizadas, observadas, implementadas e repensadas à medida que o estudante demonstra certo domínio nas ações desenvolvidas.

Esses avanços, ainda que sutis, mostraram-se significativos, refletindo-se na ampliação da atenção, na melhora da percepção do ambiente, na execução de tarefas com menor dependência de comandos diretos e no fortalecimento das interações com outros sujeitos. Observou-se que pequenas conquistas, muitas vezes invisibilizadas no cotidiano escolar, representam avanços significativos no desenvolvimento da autonomia e do sentimento de pertencimento.

A postura docente exerce papel fundamental nesse processo, seja para potencializar o desenvolvimento do estudante, seja para limitar suas possibilidades quando não há reconhecimento de suas capacidades. Trabalhar as barreiras atitudinais nas práticas docentes têm se tornado um desafio no processo de inclusão escolar de estudantes com deficiência.

Conclui-se que práticas pedagógicas inclusivas, estruturadas e gradativas, aliadas à compreensão das especificidades do estudante com TEA, podem favorecer o desenvolvimento de habilidades funcionais, sociais e acadêmicas, contribuindo para sua participação mais ativa no contexto escolar. A construção da autonomia, portanto, deve ser compreendida como um compromisso coletivo da escola, que ultrapassa adaptações pontuais e exige mudança de olhar sobre o sujeito com deficiência, sobretudo mudanças conceituais e atitudinais dentro do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. **A Educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 2, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.